
Entrevistado/a: Cátia Engel Moraes

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 8 de Maio de 2025

Local: Escola Petit Poá – Estância Velha (Entrevista na Sede da OASE)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal, profissional e vínculo comunitário

Cátia Engel Moraes é professora e gestora de uma escola de Educação Infantil privada, a Escola Petit Poá, localizada em Estância Velha. Reside na localidade de Sertão Capivara, no interior de Portão, na divisa com São Sebastião do Caí, região diretamente atingida pelas enchentes de 2024. Sua narrativa articula a vivência pessoal como moradora de área afetada, filha de agricultores atingidos e educadora responsável por uma instituição escolar em um município não atingido diretamente pela enchente.

A experiência direta da enchente e o isolamento

A entrevistada relata que, durante o período mais crítico das cheias, permaneceu isolada por cerca de dois dias em sua localidade, sem possibilidade de deslocamento ou comunicação, em razão da elevação contínua do nível do rio. Descreve o cenário como caótico e angustiante, marcado pela perda total das plantações agrícolas da comunidade e pelos danos provocados por deslizamentos de terra. Destaca a preocupação com a família, especialmente com os pais, e com o funcionamento da escola, diante da incerteza quanto ao deslocamento das professoras e da continuidade das atividades.

A escola como espaço de apoio e mobilização solidária

Apesar de Estância Velha não ter sido diretamente atingida, Cátia explica que a escola se tornou um ponto de apoio comunitário, uma vez que muitas famílias atendidas tiveram parentes, empresas ou propriedades afetadas pelas enchentes. A escola manteve o atendimento e ampliou sua atuação, contando com o apoio de professoras, familiares e da equipe gestora, garantindo o funcionamento do espaço e o acolhimento das demandas emergenciais.

Atendimento às famílias e crianças

A entrevistada destaca que a principal preocupação foi atender famílias que acolheram outras pessoas em suas casas. Considerando sua experiência na Educação Infantil, priorizou a arrecadação e a doação de itens essenciais para bebês e crianças pequenas, como leite, mamadeiras, bicos, fraldas, roupas de cama e lenços umedecidos. Ressalta que muitas famílias haviam perdido tudo e não dispunham sequer de itens básicos para o cuidado infantil.

Organização das doações

Cátia relata que a mobilização ocorreu principalmente por meio das redes sociais e do contato direto com as famílias da escola, que responderam às solicitações. As doações extrapolaram os itens inicialmente solicitados, incluindo móveis e eletrodomésticos. Com apoio, a entrevistada e sua sócia realizaram a distribuição direta dos donativos, utilizando caminhão para atender famílias atingidas em municípios como São Sebastião do Caí, Lindolfo Collor, São Leopoldo e Estância Velha, priorizando aquelas com vínculo direto com a comunidade escolar.

Impactos emocionais

A entrevistada enfatiza o impacto emocional, especialmente entre aquelas que perderam a moradia e os meios de subsistência, como empresas e comércios. Destaca que, mesmo em contextos de maior vulnerabilidade econômica, houve sofrimento também, como entre famílias empresárias. Ressalta o papel da escola como espaço de escuta, acolhimento e vínculo afetivo.

Aprendizados e significados da experiência

Ao refletir sobre a experiência, Cátia destaca a solidariedade como elemento central do vivido, ressaltando o envolvimento ativo de todas as famílias da escola, que se mobilizaram para ajudar, inclusive atuando em áreas alagadas. Avalia que a experiência evidenciou o papel formativo da educação para além do espaço escolar, demonstrando que valores como empatia, compromisso e cuidado com o outro são aprendizagens que se manifestaram concretamente. Finaliza afirmando que a escola cumpriu com o seu papel na ajuda humanitária.